

# OS AJUSTES

## Debates e reflexões do

II Colóquio Multi-setorial  
GAZETA MERCANTIL/FGV/Iniciativa Privada

por Pedro Cafardo

Não houve surpresas. Ao final de dois dias de trabalho do II Colóquio Multi-setorial promovido quinta e sexta-feiras no âmbito do convênio entre a Fundação Getúlio Vargas de São Paulo e a Gazeta Mercantil, as conclusões espelhavam nitidamente o quadro de preocupações empresariais ante as condições recessivas da atividade econômica.

Como se poderia esperar, as avaliações menos pessimistas entre todos os participantes couberam aos representantes do setor financeiro, cuja alta rentabilidade vem sendo mantida a despeito de todos os problemas enfrentados pela economia como um todo. Apesar disso, como relata a repórter Vilma Netto Moreno, o setor não encontrou pecados a redimir. Ao contrário, atribuiu os altos lucros fundamentalmente à ação governamental que mantém os juros elevados e demonstrou, mais do que qualquer outro segmento, preocupação com o crescimento de seus riscos, refletidos na evolução da conta de "créditos em liquidação" dos balanços das várias instituições.

Nos vários setores industriais, a contenção do mercado interno tem estimulado a intensificação dos esforços de exportação. O setor siderúrgico, por exemplo, segundo estimativas do Conselho de Não-Ferrosos e Siderurgia (Consider), deverá exportar este ano cerca de 4,8 milhões de toneladas — o dobro do ano passado —, o que permitirá utilizar 80% de sua capacidade instalada. As exportações siderúrgicas, na verdade, poderão compensar a queda prevista de 20% no consumo interno de aço deste ano e, mais do que isso, darão ao País um saldo comercial positivo da ordem de US\$ 1 bilhão.

As vendas externas representam também para a indústria de alimentos uma garantia de expansão, ainda que venha a ocorrer uma retração do mercado interno, o que ainda não se verifica. Pelo seu esforço de exportação e pela própria essencialidade de seu produto, a indústria de alimentos consegue manter taxas positivas de crescimento — 4,0% em 1982 e 3,5 a 4% este ano, segundo estimativa da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA).

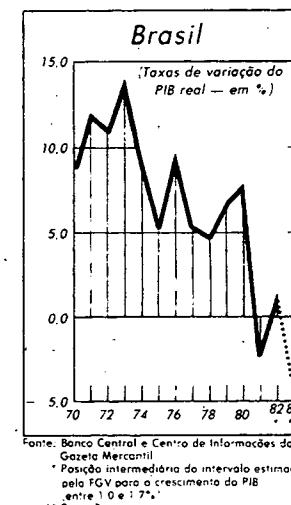
Na área de material de transportes, espera-se alguma melhora neste segundo semestre e em 1984. As montadoras de veículos, por exemplo, dependem da reativação de alguns mercados externos e, no setor interno, contam ainda com o bom movimento de vendas de veículos a álcool. A indústria ferroviária poderá fechar o ano com uma produção de vagões 15% superior à do ano passado, mas continua a operar com cerca de 60% de capacidade ociosa.

Comportamento até certo ponto destoante, pelo bom desempenho que vem tendo a indústria de equipamentos de computação eletrônica. A análise do grupo setorial de informática mostrou que as empresas envolvidas nessas atividades vêm crescendo em média 20 a 30% em termos reais ao ano nos últimos anos. A política governamental de reserva de mercado representa o principal fator que possibilitou essa expansão, através da fabricação de muitos produtos antes importados. Além disso, houve uma importante queda relativa de preços que tornou os equipamentos acessíveis a um maior número de usuários.

Entre os grandes setores da indústria, nenhum provavelmente atravessa atualmente momento de maior desolação do que o da construção civil. Os cortes seguidos de investimentos das empresas esta-

tais, os atrasos de pagamentos de obras públicas e o esgotamento da capacidade do Sistema Financeiro Habitacional, pela análise dos participantes do grupo setorial, estariam provocando uma acentuada redução do nível de atividade, com graves reflexos no nível de emprego. Dados do Sistema Nacional de Emprego (Sine) indicam que a construção civil em São Paulo utilizava em maio último cerca da metade da mão-de-obra empregada em 1977. Pelo menos parcialmente, de toda a forma, a construção civil deverá ser beneficiada com as alterações introduzidas nas caderetas de poupança, que a partir de 1º de agosto passaram a ter rendimento mensal.

As próprias dificuldades da indústria e da agricultura desautorizam qualquer previsão de avanço no setor de transportes. No ano passado, as empresas que atuam na área registraram queda de 4,9% na sua receita líquida. A falta de uma política de transportes sintonizada com uma política de combustíveis, segundo a Associação Nacional das Empresas de Transportes Rodoviários de Carga (NTC), representa o principal obstáculo estrutural enfrentado



Fonte: Banco Central e Centro de Informações da Gazeta Mercantil  
\* Posição intermediária do intervalo estimado pelo FGV para o crescimento do PIB entre 1,0 e 7,5%  
\*\* Previsão

pelo setor. Além disso, os aumentos reais dos preços dos combustíveis e, até mesmo, a constante ameaça de um possível racionamento de derivados são perspectivas

que devem atuar para impedir a recuperação do nível de atividade das empresas de transportes.

A descapitalização do setor na área dos transportes rodoviários de carga estaria, ainda, levando a um envelhecimento crescente da frota de caminhões, cuja idade média é hoje de oito anos. A situação estaria a exigir, pela análise dos representantes do setor, pelo menos a criação de mecanismos de incentivo aos consórcios, para viabilizar a troca de veículos leves por caminhões pesados.

Tanto quanto na área de transportes, os dirigentes empresariais que participaram do grupo de mineração consideraram indispensável a definição urgente de uma política mineral que melhor atenda aos interesses do País. Essa política deveria ser integrada à política industrial, para que fossem consideradas no desenvolvimento do parque manufatureiro as potencialidades e disponibilidades de recursos minerais do País.

Diante de todos esses problemas, principais:

(Continua na página 2)

# *Debates e reflexões...*

por Pedro Cafardo  
(Continuação da 1ª página)

palmente o desemprego e a contenção salarial, as expectativas do setor comercial não poderiam ser otimistas. Além da nova legislação salarial, mais restritiva, o comércio alinha entre fatores que deverão desestimular as vendas o reestímulo à poupança e o reajuste das prestações da casa própria em nível muito superior à inflação. As taxas de juros também deverão desencorajar um aumento das compras a prazo.

Os participantes do grupo do comércio não têm nenhuma esperança de que o setor possa repetir este ano as taxas de crescimento de faturamento verificadas no ano passado (6,5%). O aumento das vendas reais, segundo dados do Conselho de Desenvolvimento Comercial, já era praticamente nulo no primeiro quadrimestre do ano, se comparado com o primeiro quadrimestre de 1982. Se desse índice forem excluídas as vendas de concessionárias de veículos, que subiram cerca de 23% em São Paulo no primeiro semestre, o indicador passa a registrar uma taxa negativa de 3%.

Iguais perspectivas contemplam os principais setores de serviços. A indústria turística enfrenta uma queda entre 10 e 20% em seus índices de ocupação. Até o setor publicitário, que previa crescimento real de 5% neste ano, trabalha agora com a expectativa de uma variação negativa no seu nível de faturamento. O problema é que a inflação, anteriormente estimada em 90%, disparou e deverá fechar o ano, na melhor das hipóteses, com 160%. Para que as vendas nominais do setor publicitário aumentassem nessa proporção, os anunciantes teriam que reajustar suas verbas a um nível considerado insustentável diante das condições financeiras gerais das empresas.